

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O GUIÕES – FESTIVAL DO ROTEIRO DE LÍNGUA PORTUGUESA
09 DE JUNHO DE 2022

DESERTO PARTICULAR / 2021

Um filme de Aly Muritiba

Realização: Aly Muritiba / Argumento: Aly Muritiba, Henrique dos Santos / Direção de Fotografia: Luis Armando Arteaga / Montagem: Patricia Saramago / Direção de Arte: Fabiola Bonofiglio / Guarda-roupa: Isbella Brasileiro / Som: Marília Mencucini / Música: Felipe Ayres / Interpretação: Antonio Saboia (Daniel), Pedro Fasanaro (Robson), Thomas Aquino (Fernando), Laila Garin (Juliana), Zezita Matos (Tereza) etc.

Produtoras: Grafo Audiovisual, Fado Filmes / Produtores: Gonçalo Galvão Teles, Luís Galvão Teles, António Gonçalves Junior, Aly Muritiba / Cópia: dcp, cor, versão original, 121 minutos / Estreia Mundial: Itália, 2 de Setembro de 2021 (Festival de Veneza – Giornate degli Autori) / Primeira Apresentação na Cinemateca

Sessão apresentada por Aly Muritiba

Em DESERTO PARTICULAR, Aly Muritiba debruça-se numa problemática ideológica crescente da sociedade contemporânea, nomeadamente relacionado com os sintomas emocionais e as vulnerabilidades da identidade masculina num mundo de convenções e estereótipos de género ainda rígidos de como um homem deve agir e, sobretudo, amar. Partindo das incompatibilidades de comunicação presentes na ilusória realidade do mundo digital, tema cujas diversas implicações foram já exploradas pelo realizador em FERRUGEM (2018), no qual aborda a exposição virtual das mulheres, Muritiba constrói a história de um relacionamento amoroso originado *online* entre duas pessoas que vivem em pontas opostas do Brasil, iniciando uma viagem de sentido duplo: entre Curitiba e Juazeiro, viagem entre o sul e o nordeste do Brasil, entre a cidade e o sertão, e também uma viagem psicológica percorrida sob a forma de transformação e revelação do carácter dos protagonistas Daniel (Antonio Saboia) e Robson (Pedro Fasanaro), estendendo-se, como o título indica, entre as planícies áridas do sertão brasileiro e os terrenos psicológicos dos dois, formando um espaço intersticial que, do conflito das dualidades liberdade-repressão, amor-agressão e indivíduo-sociedade, intende criar e valorizar possibilidades de desconstrução e, ultimamente, de redenção.

O argumento de Muritiba e Henrique dos Santos faz um inteligente jogo de dinâmicas entre tensões que partem da impulsividade de Daniel, um polícia despedido e prestes a ser julgado por um incidente que cometeu no passado, encontra-se num estado de repressão e de vazio no qual é levado a uma data de situações limite com os seus colegas e com a família. Ao longo de todo o filme, o carácter impulsivo e agressivo das suas ações contrasta com a docilidade que mostra no seu relacionamento com o pai e, principalmente, no amor que deposita na expectativa e na sua própria imagem de Sara.

Situações como a sua reação ao descobrir que a irmã namora com uma mulher, a frustração cega que o leva a procurar uma pessoa que deixou de falar com ele e até, cometer o ato invasivo de distribuir uma fotografia sua pela cidade criam uma espécie de dilema moral no cerne da sua personalidade que desenha um retrato extremo da "prisão" cultural que vive, posicionando Daniel num ponto de indiscernibilidade moral. A confusão entre as duas intensidades define todos os momentos do encontro, tornando a reação de Daniel à descoberta de Sara/Robson realmente imprevisível. Esta tensão é, no entanto, propícia ao grande alívio contido no entendimento os dois alcançam, conclusão que instala tanto um espaço comum como uma transformação na compreensão de si próprios.

Esta viagem perfaz simultaneamente a ponte entre duas diferentes, quase invertidas visões de vida na relação com as suas identidades e com a sua inserção na sociedade em que vivem, dividindo o filme de acordo com as perspetivas de dois protagonistas. A masculinidade de Daniel, estereotipicamente forçada pelo mundo militar do trabalho, do pai e do avô, feminilidade de Robson, constantemente atacada pela religiosidade da família. Muritiba aproveita-se do poder da narrativa e da imagem para fomentar uma ideia do homem enquanto vítima de um mesmo sistema tradicionalista e repressivo. Despojando-os das responsabilidades das suas ações, a interpenetração destas duas histórias desemboca numa consciencialização mútua.

DESERTO PARTICULAR parte de um exercício de individualização dos personagens de acordo com as suas singularidades para além das condições sociais que também os definem, para conseguir uma ideia de consciencialização universalizada das forças condicionantes da sociedade e da necessidade da sua ultrapassagem. A força do filme está, mais do que em todos os conflitos originados pelo choque do encontro entre os dois protagonistas, na sua capacidade de nos dar a ver as diferentes perspetivas que os protagonistas adquirem ao longo do filme, visões que os transformam e dotam as suas identidades de uma complexidade multidimensional e de uma flexibilidade moral centrada na recuperação da esperança de um mundo enquanto espaço comum em que o afeto deixa de ser dominado pela fragilidade que a as convenções e os estereótipos nos impõem.

Manuel João Montenegro